

PLANO DE AULA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE
SETOR DE PLANEJAMENTO
PLANO DE AULA Nº. 5
1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
SUBUNIDADE: CONFLITOS INDIVIDUAIS E SOCIAIS
 * VÍCIOS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> * Conceituar os vícios. * Analisar as causas dos vícios. * Explicar as conseqüências dos vícios. * Relacionar atitudes desejáveis no combate aos vícios. 	<ul style="list-style-type: none"> * Vício é todo hábito que resulta no atraso espiritual do homem. É um mal porque se antepõe à Lei de Deus. * Todo vício é uma infração às leis naturais da vida. * As causas do vício estão na imperfeição espiritual, na ignorância ou rebeldia diante das Leis Morais. * Entre as conseqüências do comportamento vicioso, colocam-se a degradação do ser, a bagatelização da vida e a desarmonia social. * Os principais recursos cristãos de combate ao vício estão no esclarecimento moral do viciado e na sua reabilitação pelo trabalho. * "Buscar infatigavelmente equilíbrio e discernimento na sublimação das próprias tendências consolidando maturidade e observação no veículo físico, desde os primeiros dias da mocidade, com vistas à vida perene da alma." (22) 	<ul style="list-style-type: none"> * Iniciar o encontro didático narrando o relato do alcoólatra Joaquim Dias, como introdução da aula. Anexo 1 * Dialogar com os alunos sobre o texto, levando-os a refletir sobre as causas e as conseqüências dos vícios. Usar como subsídio o anexo 6. * A seguir, propor um estudo em grupo sobre as imperfeições morais e as ações necessárias para abandonar os vícios. Utilizar a técnica <i>Grupos Participativos</i>. Anexo 2 * Dividir a turma em grupos. Entregar os textos para o estudo e as questões para serem respondidas. Anexos 3 e 4 * Orientar e intervir nos trabalhos em grupo, se necessário. * Convidar os relatores para fazerem a exposição das conclusões dos grupos. Ouvir atentamente. 	<ul style="list-style-type: none"> * Ouvir atentamente a narrativa. * Participar do diálogo, respondendo ou fazendo perguntas. * Aceitar a proposta do evangelizador, ouvindo a explicação da técnica. * Localizar-se num grupo. Participar dos trabalhos. * Fazer os relatos das conclusões e acompanhar, fazendo perguntas ou emitindo opinião. 	<p>TÉCNICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Narrativa. * Estudos em Grupo – Técnica <i>Grupos Participativos</i>. <p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Textos xerocopiados. * Cartaz. <p>Obs.: consultar as obras abaixo relacionadas como subsídios para a aula: – Opinião Espírita de Francisco Cândido Xavier. Conduta Espírita de Waldo Vieira. Após a Tempestade de Diácono Pereira Franco.</p>

AValiação: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATÓRIA, SE OS EVANGELIZANDOS REALIZAREM AS ATIVIDADES PROPOSTAS, RESPONDENDO CORRETAMENTE AS QUESTÕES APRESENTADAS.

CONT. DO PLANO DE AULA N.º 5 DA VI UNIDADE: CONDUITA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA

1º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>* "Foge também aos desejos da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o senhor" – Paulo (II Timóteo, 2:22)</p> <p>* "Afastar-se dos lugares viciosos com discrição e prudência, sem crítica, nem desdém, somente relacionando-se com eles para emprestar-lhes colaboração fraterna a favor dos necessitados." (23)</p> <p>* "Auto-disciplinar-se em todos os cometimentos a que se proponha, revertendo-se do necessário discernimento." (24)</p>	<p>* Complementar as conclusões, esclarecendo dúvidas.</p> <p>* Expor o cartaz e solicitar aos jovens que façam a sua leitura, deixando o ensinamento nele contido para reflexão ao encerrar a aula. Anexo 5</p>	<p>* Ouvir atentamente as conclusões do evangelizador.</p> <p>* Ler e refletir os conceitos apresentados no cartaz.</p>	

ANEXO 1

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Alcoólatra

Reunião da noite de 12 de janeiro de 1956.

Emocionadamente, o nosso grupo recebeu a visita de Joaquim Dias, pobre espírito sofredor que nos trouxe o doloroso relato de sua experiência da qual recolhemos amplo material para estudo e meditação.

Alcoólatra!

Que outra palavra existirá na Terra, encerrando consigo tantas potencialidades para o crime?

O alcoólatra não é somente o destruidor de si mesmo. É o perigoso instrumento das trevas, ponte viva para as forças arrasadoras da lama abismal.

O incêndio que provoca desolação aparece numa chispa.

O alcoolismo que carrega a miséria nasce num copinho.

De chispa em chispa, transforma-se o incêndio em chamas devoradoras.

De copinho em copinho, o vício alcança a delinqüência.

Hoje, farrapo de alma que foi homem, reconheço que, ontem, a minha tragédia começou assim...

Um aperitivo inocente...

Uma hora de recreio...

Uma noite festiva...

Era eu um homem feliz e trabalhador, vivendo em companhia de meus pais, de minha esposa e um filhinho.

Uma ocasião, porém, surgiu em que tive a infelicidade de sorver alguns goles do veneno terrível, disfarçado de bebida elegante, tentando afugentar pequeninos problemas da vida e, desde então, converti-me em zona pestilencial para os abutres da crueldade.

Velhos inimigos desencarnados de nossa equipe familiar fizeram de mim seu intérprete.

A breve tempo, abandonei o trabalho, fugi à higiene e apodreci meu caráter, trocando o lar venturoso pela taverna infeliz.

Bebendo por mim e por todas as entidades viciosas que nos hostilizavam a casa, falsifiquei documentos, matando meu pai com medicação indevida, depois de arrojá-lo à extrema ruína.

Mais tarde, tornando-me bestial e inconsciente, espanquei minha mãe, impondo-lhe a enfermidade que a transportou para a sepultura.

Depois de algum tempo, constrangi minha esposa ao meretrício, para extorquir-lhe dinheiro, assassinando-a numa noite de horror e fazendo crer que a infeliz se envenenara usando as próprias mãos e, de meu filho, fiz um jovem salteador e beberrão, muito cedo eliminado pela polícia.

Réprobo social, colhia tão-somente as aversões que eu plantava.

Muitas vezes, em relâmpagos de lucidez, admoestava-me a consciência:

— Ainda é tempo! Recomeça! Recomeça!

Entretanto, fizera-me um homem vencido e cercado pelas sombras daqueles que, quanto eu, se haviam consagrado no corpo físico à criminalidade e à viciação, e essas sombras rodeavam-me apressadas, gritando-me, irresistíveis:

— Bebe e esquece! Bebe, Joaquim!...

E eu me embriagava, sequioso de olvidar a mim mesmo, até que o delírio agudo me sitiou num catre de amargura e indignação.

A febre, a enfermidade e a loucura consumiram-me a carne, mas não percebi a visita da morte, porque fui atraído, de roldão, para a turba de delinquentes a que antes me afeiçoara. Sofri-lhes a pressão, assimilei-lhes os desvarios e, com eles, procurei novamente embebedar-me.

A taverna era o meu mundo, com a demência irresponsável por meu modo de ser...

Ai de mim, contudo! Chegou o instante em que não mais pude engodar minha sede!...

A insatisfação arrasava-me por dentro, sem que meus lábios conseguissem tocar, de leve, numa gota do líquido tentador.

Deplorando a inexplicável inibição que me agravava os padecimentos, afastei-me dos companheiros para ocultar a desdita de que me via objeto.

Caminhei sem destino, angustiado e semilouco, até que me vi prostrado num leito espinhoso de terra seca...

Sede implacável dominava-me totalmente...

Clamei por socorro em vão, invejando os vermes do subsolo.

Palavra alguma conseguiria relatar a aflição com que implorei ao Céu uma gota d'água que sustasse a alucinação de minhas células gustativas...

Meu suplício ultrapassava toda humana expressão...

Não passava de uma fogueira circunscrita a mim mesmo.

Começaram, então, para mim, as miragens expiatórias.

Via-me em noite fresca e tranqüila, procurando o orvalho que caía do céu para dessedentar-me, enfim, mas, buscando as bagas do celeste elixir, elas não eram, aos meus olhos, senão lágrimas de minha mãe, cuja voz me atingia, pranteando em desconsolo:

— Não me batas, meu filho! Não me batas, meu filho!...

Devolvido à flagelação, via-me sob a chuva renovadora, mas, tentando sorver-lhe o jorro, nele reconhecia o pranto de meu pai, cujas palavras derradeiras me impunham desalento e vergonha:

— Filho meu, por que me arruinaste assim?

Arrojava-me ao chão, mergulhando meu ser na corrente poluída que o temporal engrossava sempre, nas esperança de aliviar a sede terrível, mas, na própria lama do enxurro, encontrava somente as lágrimas de minha esposa, de mistura com recriminações dolorosas, fustigando-me a consciência:

— Por que me atiraste ao lodo? E por que me mataste, bandido?

De novo regressava ao deserto que me acolhia, para logo após me entregar à visão de fontes cristalinas...

Enlouquecido de sede, colava a boca ao manancial, que se convertia em taça de fei candente, da qual transbordavam as lágrimas de meu filho, a bradar-me, em desespero:

— Meu pai, meu pai, que fizeste de mim?

Em toda parte, não surpreendia senão lágrimas...

Arrastei-me pelos medonhos caminhos de minha peregrinação dolorosa, como um Espírito amaldiçoado que o vício metamorfoseara em peçonhento réptil...

Suspirava por água que me aliviasse o tormento, mas só encontrava pranto...

Pranto de meu pai, de minha mãe, de minha esposa e de meu filho a perseguir-me, implacável...

Alma acicatada por remorsos intraduzíveis, amarguei provações espantosas, até que mãos fraternas me trouxeram à bênção da oração...

Piedosos enfermeiros da Vida Espiritual e mensageiros da Bondade Divina, pelos talentos da prece, aplacaram-me a sede, ofertando-me água pura...

Atenuou-se-me o estranho martírio, embora a consciência me acuse...

Ainda assim, amparado por aqueles que vos inspiram, ofereço-vos o triste exemplo de meu caso particular para escarmento daqueles que começam de copinho a copinho, no aperitivo inocente, na hora do recreio ou na noite festiva, descendo, desprevenidos para o desequilíbrio e para morte...

E, em vos falando, com o meu sofrimento transformado em palavras, rogo-vos a esmola dos pensamentos amigos para que eu regresse a mim mesmo, na escabrosa jornada da própria restauração...^(*)

Joaquim Dias



^(*) XAVIER, Francisco Cândido. Diversos Espíritos. *Vozes do Grande Além*. FEB: Rio de Janeiro, 1974. p. 121-125.

ANEXO 2

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Grupos Participativos

Característica ⇨ Esta dinâmica oportuniza a participação de todos os integrantes do grande grupo, permitindo que os assuntos sejam discutidos em profundidade.

Objetivos: ⇨ Permitir o intercâmbio no grande grupo, fazendo com que todos os componentes conheçam o trabalho realizado pelos pequenos grupos.

⇨ Dinamizar o grande grupo, treinando-o para uma discussão aprofundada.

Desenvolvimento ⇨ Tempo: 60 minutos divididos em:

- * preparação: 10 min;
- * realização: 30 min;
- * plenário: 15 min;
- * avaliação: 5 min.

Preparação ⇨ Organização dos grupos.

- * Dividir o grande grupo em pequenos grupos de 6 a 8 pessoas.
- * Escolher elementos para os papéis de coordenador, relator e cronometrista.

Assunto.

O orientador poderá fazer uma breve exposição do assunto aos grupos, ou distribuir material mimeografado, ou livro texto, para que deles se retire o tema para discussão.

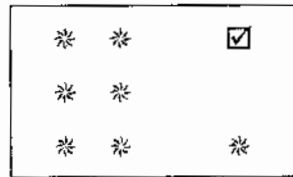
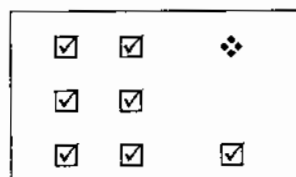
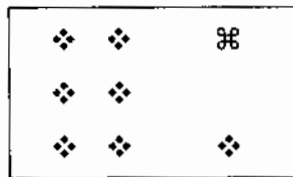
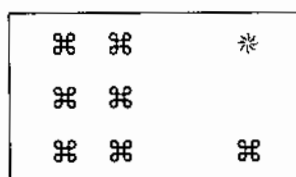
Realização:

1ª Etapa ⇨ O grupo já dividido, se reúne e discute o assunto proposto durante 15 minutos, estabelecendo conclusões.

2ª Etapa ⇨ O relator de cada grupo se dirigirá ao grupo seguinte e fará uma representação dos fatos discutidos em seu grupo inicial, explicando:

- como se desenvolveu a discussão;
- a que conclusões o grupo chegou.

Assim, o relator do grupo A vai para o grupo B; do grupo B vai para o C; o C vai para o D; e, assim, por diante.



Após o rodízio, os relatores voltam aos seus grupos de origem.

3ª Etapa ⇒ O grupo após ouvir a comunicação do relator vindo do outro grupo, prossegue a discussão, incluindo o relato feito e partindo das conclusões elaboradas pelo membro do grupo visitante.

O grupo visitado poderá discordar do relato, completá-lo ou acrescentar novas idéias.

Plenário: Os grupos voltam ao plenário e cada relator apresentará um resumo do trabalho, incluindo o enriquecimento feito pelo grupo visitante.

O coordenador do grande grupo poderá complementar as conclusões dos pequenos grupos.

Avaliação: O coordenador levará o grupo a analisar o trabalho realizado nos aspectos de desenvolvimento da técnica e aprofundamento do assunto.

O trabalho será considerado satisfatório se os grupos:

- a) obedecerem ao tempo previsto na realização das tarefas;
- b) obtiverem participação integral dos membros de cada grupo;
- c) realizarem o intercâmbio entre os grupos com sucesso;
- d) apresentarem conclusões satisfatórias sobre os assuntos.



ANEXO 3

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Texto para Estudo

O Dicionário nos informa que *Vício* é defeito grave que torna uma pessoa ou coisa inadequadas para certos fins ou funções; um costume prejudicial, costumeiro e, inclinação para o mal (em oposição às virtudes). E nós acrescentaríamos que o *Vício* é um mal porque se antepõe ao *Bem*, à Lei de Deus, porque escraviza a pessoa, a degrada, a corrompe e a atrasa material e espiritualmente.

Se é um mal porque muitas pessoas se viciam das mais variadas formas: comendo exageradamente a ponto de adoecer o corpo; bebendo drogas alcoólicas ou alucinógenas até atingir a perda da capacidade mental plena; usando drogas que as levam à loucura, ao crime?...

Você já deve ter lido e ouvido muitas explicações, na Escola, em Casa e através dos Meios de Comunicação, sobre os vícios estão causando graves perturbações sociais devidas ao aumento do consumo das drogas, até por crianças. Este quadro triste mobiliza todos os setores da sociedade para encontrar recursos, meios, que atenuem ou erradiquem esse mal.

A Doutrina Espírita, através dos ensinamentos dos Espíritos, nos revela que os vícios se antepõem às virtudes; são sinais de imperfeição espiritual, de ignorância ou rebeldia diante das Leis Morais.

Dentre as mais recentes comunicações dos Espíritos sobre o assunto, destacamos, para nossa reflexão de hoje, duas comunicações de Espíritos benfeitores. Com sabedoria e carinho Joanna de Ângelis e Manoel Philomeno de Miranda nos informam sobre as imperfeições morais e as ilusões que atraem as pessoas para os vícios. Dentre elas, destacamos:

1. O desprezo e o cinismo, com os quais são tratados os valores ético-morais pelas sociedades materialistas;
2. a ênfase às tragédias, aos crimes e às cenas de degradação humana que o cinema, a televisão, as revistas e os periódicos, todos os dias, destacam;
3. o desprezo pela vida e a busca do aniquilamento, resultantes de filosofias sem estruturação lógica nem ética;
4. o Espírito imaturo que sente curiosidade em experimentar *sensações fortes* ou que tem medo de enfrentar dificuldades, problemas, responsabilidades;
5. o desejo de dilatar o entendimento, de realizar viagens místicas, de aumentar a coragem ou o esquecimento das dores profundas.

Essas e outras imperfeições e ilusões humanas têm por conseqüências: confundir as mentes imaturas; aumentar o vazio interior; a indiferença pela própria vida; a carência afetiva; a solidão; o medo; a revolta; a dor; fugir da vida através das drogas e até cometer crimes para sustentar o vício; a loucura...

Vivências dolorosíssimas, não é mesmo? Se você ainda não havia refletido, com profundidade, sobre o vício, esperamos que as causas e conseqüências, expostas acima, tenham dilatado sua compreensão sobre o assunto e o desejo de jamais experimentar drogas.

Além desses aspectos importantíssimos, a Doutrina Espírita deixa-nos claro as ações gerais para não *cairmos nas tentações* dos vícios ou fortalecermos nosso desejo e vontade para abandonar os que ainda alimentamos. São elas: o estudo constante das Leis de Deus, a Oração que nos liga aos Planos Superiores da Vida é o treino constante da Caridade que nos amadurece no Amor.

Joanna de Ângelis e Manoel P. de Miranda, além dessas ações gerais, recomendam:

- * vida sadia conforme a moral do Cristo;
- * educar-se em liberdade com responsabilidade;
- * viver com comedimento;
- * leituras de conteúdos edificantes;
- * disciplina nos hábitos;
- * conhecimento espiritual da vida;
- * terapias espirituais: passe, magnetização da água, a desobsessão;
- * exercícios psíquico pela concentração consciente, meditação profunda e prece que conduzem a resultados superiores no desenvolvimento das percepções extra-sensoriais, sem as conseqüências danosas dos recursos alucinatórios que viciam e corrompem o ser.



OBRAS CONSULTADAS

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000, p. ____.
2. FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. Nas Fronteiras da Loucura*. Alvorada: Salvador, BA: 1982, p. 72-75.
3. _____. *Por Joanna de Ângelis e outros Espíritos. S.O.S. Família*. Alvorada: Salvador, BA: 1994. p. 127-131.

ANEXO 4

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Questões para Refletir em Grupo

GRUPO A: Expliquem o que é vício e por que é um mal.

GRUPO B: Dentre as causas dos vícios apontadas pelos Espíritos, escolham três. Analisem-nas bem e expliquem essas causas para seus colegas.

GRUPO C: Estudem bem o texto e expliquem a seus colegas, quais as consequências dos vícios.

GRUPO D: Reflitam sobre as condutas que devemos adotar, recomendadas pelos Espíritos, para evitarmos ou nos curarmos dos vícios.

Vocês concordam com essas orientações? São elas realmente eficazes para combater os vícios? Ou vocês teriam outras recomendações? Relatem suas reflexões aos colegas!

BOM ESTUDO!

ANEXO 5

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Cartaz

És hoje o que fizeste contigo ontem.

Serás amanhã o que fazes contigo hoje.

O Criador concede às criaturas, no espaço e no tempo, as experiências que desejem, para que se ajustem, por fim, às leis de bondade e equilíbrio que o manifestam. Eis porque, permanecer na sombra ou na luz, na dor ou na alegria, no mal ou no bem, é ação espiritual que depende de nós.

ANEXO 6

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 5

Subsídios para o Evangelizador

1. O Alcoolismo

O alcoolismo é classificado pela Organização Mundial de Saúde como uma doença, e que pode ser definida como um comportamento crônico e patológico caracterizado por uma preocupação indevida com o álcool, em detrimento da própria saúde e funcionamento global. Pode levar ao uso abusivo e a dependência. Há indicadores familiares revelando que existe uma certa disposição familiar ao alcoolismo, caracterizada pela deficiência de uma enzima relacionada ao metabolismo do álcool. Fatores ligados a tipos de personalidade, como a passivo-dependente, a depressiva também estão associados ao alcoolismo. Parece haver forte associação entre o distúrbio depressivo e o alcoolismo, além de outros distúrbios psiquiátricos. O baixo nível social, levando ao uso de destilados de baixa qualidade favoreceriam o aparecimento da dependência. Finalmente, existem pesquisas que apontam a predominância do alcoolismo em certos grupos de profissionais, tais como: jornalistas, médicos, artistas e militares.

A toxicomania é definida pela Organização Mundial de Saúde como sendo *a absorção voluntária, abusiva, periódica ou crônica, prejudicial para o indivíduo ou para a sociedade, de uma droga natural ou sintética*. A palavra droga representa um leque de substâncias, classificáveis segundo os seus efeitos no organismo e o nível de dependência físico-psíquica.

A Doutrina Espírita nos orienta que (...) *O alcoolismo é gerador de distúrbios orgânicos e psíquicos de inomináveis conseqüências, gerando desgraças que, de forma nenhuma deveriam suceder. É ele o desencadeador da loucura, da depressão ou da agressividade, na área psíquica, sendo o responsável por distúrbios gástricos, renais e, principalmente pela irreversível cirrose hepática. Seja através de aguardente popular ou do Whisky elegante, a alcoolofilia dizima multidões que se lhe entregam espontaneamente.*

A toxicomania desarticula as sutis engrenagens da mente e desagrega as moléculas do metabolismo orgânico, lesando vários órgãos e alucinando todos quantos se comprazem nas ilusões mórbidas que dizem viver, não obstante de breve duração. Iniciada a dependência que se fez espontânea, desdobra-se à frente longos anos, numa e noutra reencarnação, para que sejam reparados todos os danos que poderiam ter sido evitados quase sem esforço (...).

São muitos os agentes dos infortúnios para o homem, que ele aceita no seu comportamento, afetando-lhe a vida. Entretanto, através de outras atitudes e conduta poderia preservá-la, prolongá-la, dar-lhe beleza, propiciando-lhe harmonia e felicidade (...).

O comportamento do Espírito, no corpo ou fora dele, é responsável pela vida, contribuindo de maneira eficaz na sua programática, igualmente interferindo na conduta do grupo em que se movimenta e onde atua, como dos descendentes que de alguma forma se lhe vinculam.

As ações corretas prolongam a existência do corpo e promovem o equilíbrio da mente, enquanto as atribuladas e agressivas produzem o inverno.

Nunca será demasiado repetir-se que, assim como o homem pensa e age, edificará a sua existência, vivendo-a de conformidade com o comportamento elegido. (1)

2. Sexolatria

A sexolatria, traduzindo-se como um distúrbio do comportamento, diz respeito à fascinação exacerbada pelo sexo e pelas práticas sexuais, cujas conseqüências têm o poder de desestruturar o psiquismo humano.

Com a Era Tecnológica, ante as novas realidades sociais, graças à “civilização de consumo”, o sexo abandonou o recato, a pudicícia, para ser trazido à praça da banalização com os agravantes do grosseiro desgaste do seu valor real, num decorrente barateamento, incidindo na vida comunidade ao impacto dos veículos de comunicação com o poder da sua ciclópica penetração, de maneira destruidora, aniquilante...

Elevado à condição de fator essencial em tudo, é agora razão de todos os valores, produzindo mais larga faixa de desajustados, enquanto se faz mais vulgar, mais mesquinho, mais brutalizado...

(...) Ante quaisquer problemas de ordem sexual, merece considerar-se a importância da vida, das leis e reprodução, contribuindo para o fortalecimento das estruturas espirituais na construção da paz interior de cada um.

Frustração, ansiedade, exacerbação, tormento, tendências inversas e aflições devem ser solucionados, do espírito em processo de reajuste ao corpo em reparação.

Mediante a terapêutica da prece e do estudo, da aplicação dos passes e do tratamento desobsessivo, a par de assistência psicológica ou psiquiátrica correta, os que se encontram comprometidos com anomalias do corpo ou da emoção, recuperam a serenidade, reparam os tecidos ultra-sensíveis do perispírito, reestruturando as peças orgânicas para a manutenção do equilíbrio na conjuntura reencarnatória. (2)

3. Aborto delituoso

O aborto é considerado crime pelas leis humanas e divinas porque atenta contra o primeiro dos direitos naturais do homem, que é o direito de viver. O primeiro dever da justiça é defender e proteger a vida, uma vez que o mais elementar direito humano é o de nascer. Os outros direitos – o de liberdade, de educação, de saúde, de trabalho, de justiça, de cidadania – só ganham sentido se houver o ser humano para desfrutá-lo. Cercear o direito à vida é negar todos os demais.

Em *O Livro dos Espíritos* encontramos o esclarecimento que a provocação do aborto representa um ato criminoso e uma transgressão a (...) *lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estar formando. (3)* Esta mesma obra considera, porém, que o aborto não deve ser considerado crime quando a gestação coloca em risco a vida da mãe, porque, conforme nos ensinam os Espíritos Superiores, *preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe. (4)*

1. FRANCO, Divaldo Pereira & MIRANDA, Manoel Philomeno. *Temas da Vida e da Morte*, FEB.

2. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos Espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Ed. FEB, p. 154-155.

3. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Questão 358.

4. _____, questão 359.